

Pesquisa 2

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE MENINOS E MENINAS COM ALTO E BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR

Francisco José Batista de Albuquerque (1)
Ednéia de Oliveira Alves (2)

Resumo

A avaliação de programas sociais é uma prática pouco utilizada no Brasil, embora seja freqüente nos países sócio-economicamente mais desenvolvidos. Neste trabalho foi analisado um recorte do Programa Bolsa Família para verificar o seu possível impacto no rendimento escolar das crianças de famílias beneficiadas pelo Programa. A pesquisa foi desenhada com um modelo quase-experimental, portanto, com comparação entre grupos naturais, em duas etapas. Na primeira, houve a comparação entre as médias de rendimento escolar, a partir do qual não foi encontrada diferença significativa de rendimento entre sexo. Então, foi realizada uma pesquisa qualitativa através de um Estudo de Caso Negativo para verificar se havia diferença de desenvolvimento escolar. Várias diferenças entre fatores relacionados ao desenvolvimento escolar foram encontradas, as quais estão mais relacionadas ao tipo de rendimento do que ao tipo de sexo.

Palavras chaves: gênero, rendimento escolar, avaliação de programas.

Introdução:

Embora seja freqüente nos países sócio-economicamente mais desenvolvidos, as avaliações de programas sociais não são comumente realizadas, especialmente na América Latina, onde tem um sistema fechado de gestão pública (MOKATE, 2002) e, no caso

brasileiro, elas acontecem de maneira escassa (FARIA, 2005). Elas são necessárias para que haja aumento da eficiência e eficácia dos programas sociais de governo (COHEN e FRANCO, 2004; ARRETCHE, 2001), assim como das políticas públicas e em todas as suas instâncias de atuação. Sem elas não há como saber se os objetivos dos programas são alcançados eficazmente. As avaliações de programas podem contribuir para uma gerência com segurança e aperfeiçoar as intervenções em realidades que se pretende mudar, aumentar a responsabilidade e fortalecer a legitimidade das políticas públicas, escolher e tomar decisões consistentes e ajudar os cidadãos a tomarem conhecimento do que está sendo feito com seu dinheiro (CALMON, 1999; ALA-HARJA e HELGASON, 2000).

Dentro da perspectiva da necessidade do cultivo de avaliações de programas sociais no Brasil, foi analisado um recorte do Programa Bolsa Família. Em uma primeira avaliação foi verificado o seu possível impacto no rendimento escolar das crianças de famílias beneficiadas pelo Programa. A amostra dessa etapa foi composta por 160 participantes, dividida em dois grupos naturais: um grupo com estudantes que não recebiam a renda do Bolsa Família e outro com os que recebiam Bolsa Família. Na amostra da primeira avaliação havia 78 meninas e 82 meninos. Estudos que consideram a variável sexo, como em: HADDAD e CAMPOS (2006) e IDEB (2007), têm constatado diferenças de rendimento escolar entre homens e mulheres, sendo que as mulheres apresentam melhores resultados. Entretanto, nessa avaliação nenhum desses efeitos foram encontrados.

Para melhor compreender os motivos de não ter sido encontrado diferença de rendimento escolar entre as várias comparações que foram realizadas na primeira avaliação, inclusive entre sexo, foi realizada uma segunda avaliação com o objetivo de verificar se o Programa impactava no desenvolvimento escolar das crianças beneficiadas por ele. Nessa avaliação, a medida dos indicadores está vinculada ao contexto familiar e escolar (COHEN e FRANCO, 2004). Para efeito de construção desse artigo, foram escolhidos da segunda avaliação alguns fatores que estão mais diretamente relacionados ao desenvolvimento da educação escolar dos participantes. Tais fatores serão expostos na descrição dos resultados logo abaixo.

Na segunda avaliação, a amostra foi composta também por conveniência. Ela continha 32 participantes, escolhidos do extrato referente e inferior ao grupo da primeira avaliação. A partir dos dados dessa avaliação, foi realizada uma análise comparativa entre sexos, considerando a variável rendimento escolar, para verificar possíveis diferenças de desenvolvimento escolar entre os sexos e saber até que ponto o nível de rendimento escolar podem estar interferindo nessa diferença.

Conforme pode ser observado na tabela 1, a amostra para essa proposta tinha participantes que obtiveram os melhores ou os piores rendimentos no teste aplicado na primeira avaliação, para verificar o rendimento escolar e abstrair as médias dos grupos. De acordo com o nível de rendimento escolar encontrado e com a diferença entre os sexos, a média das meninas de melhor rendimento foi de 7,01 e dos meninos foi de 6,91 e as médias de rendimento escolar do grupo das meninas de pior rendimento foi de 1,72 e do grupo dos meninos foi de 1,58. O grupo de notas altas e o de notas baixas não tiveram quantidade de meninos e meninas equiparadas porque houve muita dificuldade de encontrar os participantes de melhor rendimento, por isso optou-se em priorizar a formação dos grupos de notas altas e notas baixas com quantidade equiparadas.

Tabela 1. Amostra considerando variável sexo e rendimento escolar.

	Masculino	Feminino	Total
Nota alta	10	6	16
Nota baixa	6	10	16
Total	16	16	32

A partir das freqüências observadas várias comparações, levando em conta os agrupamentos de acordo com as características de sexo e tipo de nota, foram feitas. Elas foram:

1. mulher vs homem.
2. mulher com notas altas vs homem com notas altas.
3. mulher com notas baixas vs homem com notas baixas.
4. mulher com notas altas vs mulher com notas baixas.
5. homem com notas altas vs homem com notas baixas.

Os resultados apresentados a seguir obedecerão à ordem das comparações, conforme enumeradas acima. Os resultados das comparações serão referentes as maiores freqüências observadas e para saber em quanto os grupos se diferenciam, serão expostas as médias aproximadas de diferenças. Ao relatar os fatores mais freqüentes, serão privilegiados os que se sobressaíram aos outros para se compreender a perspectiva de padrão de comportamento e outros aspectos que estejam ligados a desenvolvimento escolar dos grupos.

Na comparação puramente entre sexo, os dados coletados na pesquisa da segunda avaliação indicaram que:

- 81% de ambos os grupos faziam todas as atividades escolares que iam para casa.

As diferenças de desenvolvimento escolar entre meninos e meninas encontradas foram numa média aproximada de 15%. A partir da observação do relato do grupo que teve maior frequência de resposta, percebe-se que as meninas tiveram maior frequência em:

- 71% tinham horário fixo para fazerem as tarefas escolares;
- 71% percebiam que não tinham dificuldades em resolver as atividades escolares em casa.

E os meninos tiveram maior frequência em

- 75% dos meninos que demonstraram preferência em fazer atividades na escola.

Em alguns fatores os sexos se diferenciaram em tipo de respostas, como pode ser observado a seguir.

O que atrapalhava o aprendizado em casa era:

- 43% das meninas indicaram o barulho;
- 56% dos meninos indicaram que o que atrapalhava era ter irmãos brincando perto ou até mesmo com eles no momento que estavam fazendo atividades em casa.

O que atrapalhava o aprendizado em sala de aula era:

- 31% das meninas indicaram a falta de habilidade em cálculos matemáticos;
- 31% dos meninos indicaram que permaneciam sempre com dúvidas nas aulas.

Quanto às estratégias para vencer as dificuldades

- 31% das meninas liam gibis e 31% escutavam histórias infantis para depois ler a mesma história escutada para melhorar em leitura;
- 31% dos meninos liam tudo o que via para melhorar em leitura;
- 43% das meninas resolviam contas além das solicitadas pelas professoras para melhorar em matemática;
- 37% dos meninos faziam apenas as contas pedidas e 37% deles resolviam contas além das solicitadas para melhorar em matemática.

Essas estratégias eram próprias das crianças, ou seja, sem suporte das professoras e sem acesso a materiais escolares que não fossem os oferecidos pelas professoras em sala de aula, pois, aproximadamente,

- 96% dos alunos não tinham acesso à biblioteca nem a laboratório de informática ou às aulas que fossem utilizados datashow;
- 78% deles também não tinham acesso à aula que tivesse retroprojeter como material de apoio para o professor.

Como se vê, as escolas que os alunos-participante estudam não têm uma estrutura que possa oferecer momentos diversificados de produção de conhecimento. Eles também não

contam com acesso a recursos que possam estimular seu aprendizado e ampliar sua cosmovisão.

Na maioria dos fatores relacionados ao desenvolvimento educacional se percebe uma tendência a haver diferença entre sexo, embora não seja grande. Mas essas diferenças podem estar sendo influenciadas pelo nível de rendimento escolar. Para verificar a possível interferência do nível de rendimento, primeiro, serão observadas as frequências de comportamentos entre sexo na condição de notas altas e depois na condição de notas baixas.

Na comparação entre o grupo de meninos com notas altas e o grupo de meninas com notas altas, meninos e meninas não diferem quanto a ter horário fixo para fazer as atividades escolares que vão para casa.

Nessa comparação houve uma tendência a ter diferença, numa média aproximada de 18%, entre meninos e meninas em relação a outros aspectos comportamentais e cognitivos com relação às atividades escolares, como se pode observar a seguir.

- 100% das meninas de rendimento alto faziam todas as atividades escolares;
- 66% das meninas não sentiam dificuldades em resolver atividades em casa;
- 66% das meninas tinham o problema de permanecer com dúvidas sobre os conteúdos ensinados nas aulas como motivo que atrapalhava a aprendizagem na escola.

No entanto, numa média aproximada de 18%, os meninos tiveram maior frequência em respostas como:

- 60% dos meninos se queixaram de que ter barulho no momento que estavam fazendo atividade em casa atrapalhava a sua aprendizagem;
- 90% deles davam opinião em atividades em grupo;
- 70% preferiam fazer atividades na escola;
- 50% dos meninos assumiam papel de liderança em atividades em grupo;
- 50% dos meninos procuravam fazer apenas as contas solicitadas pelas professoras;
- 40% liam tudo o que viam para superar tal dificuldade.

No comportamento em atividade em grupo as meninas não demonstraram padrão de comportamento. Elas variaram entre assumir papel de liderança, fazer apenas a parte que lhes cabe ou deixar os colegas fazerem todas as atividades. Também não demonstraram padrão no tipo de estratégia para solucionar dificuldade em cálculos matemáticos, as respostas variaram entre: fazer apenas as contas solicitadas pelas professoras, fazer cálculos além das solicitadas ou fazer cálculos sempre que iam fazer qualquer tipo de compra.

Na comparação entre o grupo de meninos com notas baixas e o grupo de meninas com notas baixas, tanto as meninas quanto os meninos eram propensos a fazerem todas as atividades escolares que iam para casa e a dar opinião em atividades em grupo.

As diferenças encontradas foram em média de aproximadamente 23% entre meninas e meninos, as meninas obtiveram maior freqüências em que

- 80% das meninas tinham horário fixo para fazer atividades escolares em casa;
- 70% delas não sentiam dificuldade para resolver atividades escolares em casa;
- 50% assumiam papel de liderança em atividades em grupo.

Os meninos em:

- 83% preferiam fazer atividades na escola;
- 50% deles utilizam escutar histórias infantis e depois ler a mesma história escutada para superar a dificuldade de leitura.

As diferenças de estratégia para vencer a dificuldade em cálculo matemático ocorreram quanto ao tipo, 50% dos meninos utilizam fazer cálculos sempre que faziam qualquer tipo de compras, mas, 50% das meninas faziam cálculos além das solicitadas pelas professoras.

Até então foi possível perceber a diferença foi mais expressiva na comparação entre sexo nos grupos de nota baixa. Essa ocorrência leva a observar se as diferenças entre sexo acontecem devido ao gênero ou ao nível de rendimento. Para melhor perceber a interferência do nível de rendimento na diferença entre sexo foi feito as seguintes comparações: grupo de mulheres com notas altas vs grupo de mulheres com notas baixas e grupo de homens com notas altas vs grupo de homens com notas baixas.

Os grupos de mulheres com notas altas vs mulheres com notas baixas tem comportamentos semelhantes em não ter dificuldade em resolver alguns exercícios escolares que vão para casa.

Nos demais fatores, foram encontradas diferenças numa média aproximada de 18%. A maior freqüência de respostas foi encontrada entre as que tiraram notas altas.

- 100% faziam todas as atividades escolares que iam para casa,
- 66% das que tiraram notas altas são as que mais preferiam fazer atividades na escola.

Quanto à diferença em tipo de resposta, 66% das meninas que tiraram notas altas ficavam com dúvidas nos conteúdos vistos em aula enquanto; 50% das que tiraram notas baixas se queixaram de terem dificuldades em cálculo para acompanhar as aulas. Entre as que tiraram notas altas, 60% indicaram que o barulho atrapalhava a aprendizagem em casa enquanto as que tiraram notas baixas se queixaram de ter irmãos atrapalhando.

Os comportamentos nos quais o grupo de meninas de nota baixa se destacaram foram em:

- 80% das meninas tinham horário fixo para fazer as atividades escolares;
- 50% utilizaram escutar histórias infantis e depois lê-las como estratégia.

A análise dos comportamentos entre os grupos de os meninos que tiraram notas altas e os de notas baixas indicou que ambos tinham mesmos comportamentos em fazer todas as atividades escolares que iam para casa, sentir dificuldades em resolver atividades em casa e dar opinião em atividades em grupo.

As diferenças encontradas foram numa média de 11% entre os meninos que tiraram notas altas e os que tiraram notas baixas. Os meninos que tiraram notas altas se destacaram em:

- 60% indicaram que ter irmão brincando próximo ou com eles em momento de fazer atividades como motivo que atrapalhava a aprendizagem em casa;
- 50% assumiam papel de liderança em atividades em grupo.

Os grupos se diferenciaram em tipos de respostas quando, 40% dos meninos que tiraram notas baixas ficavam com muitas dúvidas sobre os conteúdos ensinados em sala, enquanto entre os de rendimento baixo, 33% dos que tiraram notas altas indicaram falta de habilidade em cálculo como fatores que atrapalhavam a aprendizagem na escola,

Ler tudo o que vê e fazer apenas as contas solicitadas pelas professoras foram estratégias de superação de deficiência em português e matemática, respectivamente, adotadas pelos meninos que tiraram maior nota e os meninos de rendimento baixo preferiam superar problema de leitura escutando histórias infantis e depois lendo e vencer problemas com cálculos fazendo cálculos sempre que iam fazer compras.

A observação de diferenças com base no tipo de rendimento possibilitou perceber que a maior tendência de encontrar diferença de fatores que influenciam no desenvolvimento educacional das crianças são mais relacionados ao nível de rendimento do que ao tipo de sexo. Tendo em vista que as diferenças se intensificaram na comparação entre meninos e meninas com notas baixas e se repetiram em comparações, como: grupo de meninos com nota alta vs grupo de meninos com nota baixa e grupo de meninas com nota alta vs grupo de meninas com nota baixa.

Existe uma boa probabilidade de que ter uma participação ativa – mesmo sem assumir liderança, fazer apenas as contas solicitadas pelas professoras e ler tudo o que vê são comportamentos que podem contribuir para um melhor resultado no rendimento escolar. Também, ter local apropriado sem barulho, nem ninguém interrompendo no momento de

fazer as atividades escolares em casa e não ficar com dúvidas depois das aulas contribuem para o melhor rendimento escolar das crianças. Como esse tipo de problema também acontece nos grupos de notas altas, talvez possa ser o motivo do rendimento alto não ser melhor.

Portanto, embora não tenha sido encontrada diferença significativa de rendimento escolar entre sexo, o segundo estudo revelou uma tendência à diferença de comportamento entre homens e mulheres quanto ao desenvolvimento escolar. Mas, a diferença acontece por interferência do nível de rendimento.

O fato de não encontrar diferença de aquisição de leitura faz concluir que, nesse aspecto, houve mudança com relação a estudos anteriores que indicavam, conforme apontado por ANASTASI (1972), que as meninas se sobressaem em matérias que exigem capacidade verbal e memória. Também o baixo nível diferença entre sexo nas médias de rendimento escolar encontradas nos dois estudos despertam a atenção para uma perspectiva de que no futuro próximo não sejam encontradas diferenças de rendimento e escolaridade entre homem e mulher, conforme relatado em HADDAD E CAMPOS (2006) e IDEB (2007).

Mesmo com as boas perspectivas sobre a comparação entre sexo é necessário maior intervenção do Estado para a redução das diferenças entre sexo e a continuidade de estudos como esse para poder identificar as causas de diferença de rendimento. A proteção através da permanência da criança na escola, como preferem a maioria das crianças, em tempo integral poderia ser uma maneira de impedir que os fatores externos à educação não influenciem nas escolhas para o futuro de meninos e meninas, de maneira que os indivíduos possam determinar os papéis a assumir, os espaços que pretendem ocupar, a profissão e o tipo de vida que achar apropriado para a realização pessoal e humana.

Referências:

- ALA-HARJA, Marjukka & HELGASON, Sigurdur (2000, outubro-dezembro). Em direção às melhores práticas de avaliação. **Revista do Serviço Público**, a. 4 n. 51. p. 5-60. Disponível em: http://bvssp.cict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/0/4/040-16_revista_4_00.pdf. Acesso em: 30 out. 2007.
- ANASTASI, Anne. (1972). **Psicologia Diferencial**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária. 6ª ed. pp. 527-590.
- ARRETCHE, Marta Tereza da Silva. **Tendências no estudo sobre avaliação**. In Elizabeth Melo Rico (Org.) Avaliação de políticas sociais: Uma questão em debate. São Paulo: Cortez, 2001. 3ª.ed.

- CALMON, Kátia Maria Nasiaseni. A avaliação de programas e a dinâmica da aprendizagem organizacional. **Planejamento e políticas públicas**. a. 19, n., p. 3-70, jun. 1999. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp19/Parte_1.pdf Acesso em: 31 out. 2006.
- COHEN, Ernesto. & FRANCO, Rolando. **Avaliação de Projetos Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004. 6ed.
- FARIA, Carlos Aurélio Pimentel de. A política de avaliação das políticas públicas. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, a. 59, n. 20, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300007&l Acesso em: 15 ago. 2006.
- HADDAD, Sérgio & CAMPOS, Maria Malta. **O direito humano à educação escolar pública de qualidade**. (CBS 72-2006). São Paulo: Universidade Católica, 2006. pp. 01-26. Disponível em: <http://www.brazil.ox.ac.uk/Haddad%2072.pdf>. Acesso em: 20 ago 2007.
- INEP (2007) Consulta ao Índice de desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/Site/> Acesso em: 20 nov 2007.
- MOKATE, Karen Marie. Conviertiendo el “monstruo” en aliado: la evaluación como herramienta de la gerencia social. **Revista do Serviço Público**. Washington D. C., jan-mar, 2002, ano., v. 153, pp. 89-134 Disponível em: http://www.impactalliance.org/file_download.php?location=S_U&filename=113933512012080.pdf. Acesso em: 31 jan 2008.



Sobre os autores:

- (1) **Dr. Francisco José Batista de Albuquerque** é Psicólogo e Professor da Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: frajoba@hotmail.com;
- (2) **Ednéia de Oliveira Alves** é Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: edneia_alves@hotmail.com.